ISSN 1984-4891
OBSERVATORIUM
REVISTA ELETRÔNICA DE GEOGRAFIA

Introdução à Geopolítica da Religião: o pentecostalismo e o neopentecostalismo como vetores de poder imperialista

Introduction to the Geopolitics of Religion: Pentecostalism and Neo-Pentecostalism as Vectors of Imperialist Power

Pâmela Aparecida de Souza Alvarenga [1]

Tulio Barbosa[2]

RESUMO

O presente artigo busca identificar como a fé se relaciona com o poder, o território e a influência entre países na subordinação do Brasil ao imperialismo dos Estados Unidos. O artigo retoma a definição de geopolítica e mostra como a religião pode projetar poder para além das fronteiras nacionais. Também destaca a trajetória do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil, desde as origens nos Estados Unidos até o peso que hoje têm na vida religiosa e política do país.

PALAVRAS-CHAVE: Geopolítica da Religião; Imperialismo; Pentecostalismo; Neopentecostalismo

ABSTRACT

This article seeks to identify how faith relates to power, territory, and influence between nations within the context of Brazil's subordination to United States imperialism. The article revisits the definition of geopolitics and demonstrates how religion can project power beyond national borders. It also highlights the trajectory of Pentecostalism and neo-Pentecostalism in Brazil—from their origins in the United States to the significant weight they currently hold in the country's religious and political life.

KEYWORDS: Geopolitics of Religion; Imperialism; Pentecostalism; Neo-Pentecostalism

[1] Discente do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculada ao Instituto de Economia e Relações Internacionais (IERI). Pesquisadora do Núcleo Teoria Anticolonial. Contato: pamela.souza.ufu@gmail.com

[2] Docente dos cursos de graduação e pós-graduação de Geografia do Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC) da UFU, tutor PET MEC Geografia – IGESC-UFU. Líder do Núcleo Teoria Anticolonial. Contato: tuliobarbosa@ufu.br

INTRODUÇÃO

Buscamos compreender a relação da Geopolítica da Religião a partir da interação com o poder, território, instituições religiosas pentecostais e neopentecostais e a influência internacional. Não se trata de qualquer influência internacional, visto que partimos do poder imperialista dos Estados Unidos, pois o mesmo organizou a teologia pentecostal e, posteriormente, neopentecostal. Desta forma, tratamos o conceito de geopolítica como o estudo das relações entre poder político, espaço geográfico, território e estratégias de atuação dos Estados e de outros agentes vinculados aos interesses principalmente econômicos.

Diante dessa conceituação trazemos a Religião como ponto estratégico desse pensamento estrutural para a Geopolítica, principalmente como fator de dominação cultural; assim, definimos a Geopolítica da Religião como parte da ciência geográfica que investiga a utilização de crenças, organizações, redes religiosas, símbolos e discursos moralistas na construção de influências políticas, culturais, econômicas, tecnológicas e espaciais. Destacamos o papel imperialista dos Estados Unidos na organização do sentido religioso da Geopolítica, visto que os movimentos religiosos originados nos Estados Unidos divulgados por meio da circulação internacional de missionários, bem como de recursos financeiros e, principalmente, de doutrinas teológicas foram decisivas na construção de uma América Latina e, no nosso caso de estudo, do Brasil voltado para uma condição de subordinação da própria história nacional a uma lógica “pouco lógica” que vincula o Brasil ao moralismo e aos ditames teológicos/geopolíticos/imperialistas dos Estados Unidos.

Assim, apresentamos a importância dessa questão para compreendermos o Brasil contemporâneo, por meio das relações entre religião, eleições, política externa, soberania nacional, produção de valores sociais e disputas pela direção política da sociedade. Esse movimento geopolítico direcionado pelos Estados Unidos com a construção de pentecostalismo e do neopentecostalismo trouxe novas ideias sociais e culturais para o território brasileiro, pois permitiu que houvesse a apropriação e a transformação de ideias quanto a religiosidade nacional, com muito mais ênfase no moralismo, no fanatismo e na centralidade da figura dominante do líder religioso, ou seja, o pastor como eixo central do domínio social, cultural e teológico.

Desta forma, objetivamos apresentar a religião como elemento da geopolítica e ao mesmo tempo defini-la como uma condição central de dominação territorial, com isso os mecanismos de influência dos Estados Unidos por via religiosa direcionados aqui por meio da história do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil.

GEOPOLÍTICA E GEOPOLÍTICA DA RELIGIÃO

O conceito de geopolítica é atribuído ao geógrafo sueco Rudolf Kjellén (1864-1922), que o empregou no início do século XX para designar o estudo da influência das condições geográficas sobre a vida política dos Estados. Suas raízes intelectuais são anteriores e remontam à geografia política alemã de Friedrich Ratzel, o qual concebia o Estado como um organismo em disputa por espaço vital e recursos (Fernandes, 2003).

Durante a história tivemos a geopolítica marcada sempre por usos ideológicos, destacamos, o período das duas guerras mundiais e depois a guerra fria, com isso o olhar geográfico sobre a geopolítica sempre esteve em disputa, pois a definição das relações entre os Estados com suas finalidades de domínio são o ponto central. Lacoste (1988) trouxe a geopolítica como relações de poder e de normatização de um comportamento territorial, deste modo, sustentou que o conhecimento geográfico serve, em primeiro lugar, para a ação estratégica sobre o território, sendo, portanto, instrumento de poder e dominação, logo precisamos entender as relações geopolíticas sempre no sentido de sobreposição total de um país sobre o outro.

A estratégia de incluir a religião é uma forma de organizar a violência de uma Estado imperialista, como os Estados Unidos, sem aparentar que é um ato violento. Assim, frisamos que o poder internacional não depende exclusivamente da força militar ou econômica, pois também se relaciona à capacidade em produzir interpretações da realidade, definir problemas e, sobretudo, legitimar determinados modelos de sociedade, tendo como consequência moldar as expectativas, os costumes, a moral e o comportamento de toda uma população. Por isso nos apoiamos em Joseph Nye (2004) quando o mesmo nos apresenta o conceito de *soft power*, ou poder brando, isto é, trata-se da influência de um país por meio da atratividade de sua cultura, de seus valores e de suas políticas, sem necessariamente apresentar uma direção de violência ou de domínio geopolítico visível.

Nye (2004) nos coloca diante do entendimento de que o poder brando é um poder de domínio e que prevê um resultado; assim, a religião entra nessa "brandura" e se coloca como forte fator de coação social e, portanto, territorial. Entendemos que o poder brando é sinônimo de influência religiosa, mas colabora diretamente para que a cultura religiosa, dos pentecostais e neopentecostais, prevaleçam.

Neste sentido, colocamos em diálogo Gramsci com Nye, assim, Gramsci apresenta a religião como um papel central na organização da cultura e na disputa pelo poder político, articulando-se diretamente com o conceito de soft power e dando uma direção para entender a geopolítica da religião, uma vez que para Gramsci (2024) o domínio de uma classe ou grupo não se sustenta apenas pela coerção ou pela força física (sociedade política), mas sobretudo pela hegemonia (sociedade civil), com isso essa hegemonia da sociedade civil permite moldar visões de mundo, valores morais e costumes, logo, a partir dessas duas definições compreendemos que a religião é um dos mais potentes aparelhos hegemônicos, já que revela aos sujeitos o que é a verdade e como devem viver moralmente.

Assim, a relação entre hegemonia e soft power nos permite entender que existe uma formulação social para moldar a realidade a partir da religiosidade, tal poder é usado diretamente pelos Estados Unidos, pois seu poder na religião está na capacidade de organizar produção de consensos e de atuação de instituições que influenciam diretamente a formação das concepções de mundo. Deste modo, sublinhamos que a religião é fundamentada para contribuir para o processo de legitimação de determinadas hierarquias sociais e com isso possibilita formular interpretações sobre a sociedade ou mesmo mobilizar pessoas em torno de projetos políticos. A religião, de forma simplificada, é o poder imperialista num tom sacramental.

Scott Thomas (2005), na mesma direção dos teóricos citados anteriormente, apontou que a resiliência religiosa no cenário global transformou a forma como as relações internacionais devem ser interpretadas, pois a religião passou a ser um componente ativo da política externa e da ordem mundial. Quando Thomas escreve isso ele está preocupado com o papel das forças religiosas que possam atacar o ocidente, mas não consegue compreender o mecanismo de domínio geopolítico, em outras palavras, consegue compreender o processo de importância da religião como força política e motivacional, mas não empreende uma análise geopolítica voltada para o sentido imperialista.

Desta forma, nos colocamos na compreensão da força da religião dentro de uma lógica geopolítica, isto é, a geopolítica da religião busca identificar e compreender as formas como as crenças e as instituições religiosas tem ampla capacidade para moldarem territórios, identidades e a cultura de um povo por meio dos valores imperialistas, ou seja, buscamos apresentar como os Estados Unidos utiliza a religião como instrumento de poder brando, diplomacia e legitimação política. O pentecostalismo e neopentecostalismo são pontos constitutivos desse processo de dominação; assim, buscamos trazer os principais apontamentos desse processo no próximo ponto desse trabalho.

PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO: A FORÇA DOS E.U.A.

O pentecostalismo em como marco inicial o avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, entre 1906 e 1909, liderado pelo pregador afro-americano William J. Seymour. Esse movimento religioso buscava, como ainda busca, a experiência direta com o Espírito Santo, essa experiência é expressa em práticas como o falar em línguas, a cura divina e o chamado dom das profecias. Trata-se de uma teologia bem simples e com pouco exigência doutrinária e teológica, já que a prevalência é a espontaneidade e a referência aos líderes que são pessoas escolhidas por Deus, essa teologia tornou-se popular e, segundo Anderson (2004) atraía populações marginalizadas por raça, classe e gênero, com isso o pentecostalismo expandiu rapidamente, dando origem a denominações como as Assembleias de Deus nos Estados Unidos. Em pouco tempo essa força religiosa teve sua expansão incentivada pelo próprio governo dos Estados Unidos para toda a América Latina.

No Brasil o pentecostalismo chegou por intermédio de imigrantes e missionários de origem dos Estados Unidos, mas também tivemos forte influência de igrejas europeias como a Congregação Cristã no Brasil foi fundada em 1910, todavia todas as igrejas pentecostais europeias tiveram sua origem nos Estados Unidos, dessa forma, a força dos Estados Unidos na religiosidade pentecostal motivou a criação dessas igrejas na Europa e depois também no Brasil. Outra igreja foi a Assembleia de Deus foi organizada em 1911, em Belém do Pará, a partir do trabalho dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que haviam recebido formação nos Estados Unidos (Mendonça; Velasques Filho, 1990).

Uma referência importante para compreender a história do pentecostalismo no Brasil é a periodização proposta por Paul Freston (1993), que distingue três ondas de expansão das religiões pentecostais no Brasil:

Primeira onda: classificou como Pentecostalismo clássico, pois teve início no século XX. Freston frisa que a principal característica é a centralidade teológica na conversão, na santificação, nos dons do Espírito Santo e na expectativa de transformação espiritual. Entre suas principais organizações estão a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus.

A segunda onda é conceituada por Freston como Deuteropentecostalismo, tendo como período caracterizado a partir da década de 1950. Esse momento começa um processo de maior destaque para as questões relacionadas a cura divina e principalmente as campanhas de evangelização em massa pelo rádio. Nesse período surgem as seguintes denominações: a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor.

A última onda é conceituada como Neopentecostalismo, essa onda surge a partir da década de 1970, a partir dessa onda as igrejas se "profissionalizam" na massificação de sua doutrina com a presença na televisão, para isso desenvolveram estruturas empresariais e midiáticas mais complexas e deram destaque à teologia da prosperidade, à guerra espiritual e à busca de resultados materiais e pessoais por meio da fé, com isso a teologia da prosperidade foi direcionada junto com os valores neoliberais.

Campos Machado (2024) analisando a sociologia de Cecília Mariz nos apresenta que a autora ao estudar os pentecostais e as comunidades eclesiais de base no Brasil, observou que o pentecostalismo ofereceu respostas distintas à pobreza, pois enfatizou a transformação individual e a disciplina de vida, principalmente, em termos mais recentes, a meritocracia e o moralismo. Muito ao contrário do engajamento social da base católica com as comunidades de base, ou seja, é uma diferença que ajuda a explicar a expansão pentecostal em contextos de desigualdade, pois a pobreza poderia ser solucionada pelo próprio sujeito com fé, retidão e, principalmente, seguindo os conselhos dos pastores.

Essa força religiosa trouxe uma outra interpretação de mundo para os brasileiros, visto que a força do individualismo como projeto de salvação ampliou a força cultural dessas igrejas, principalmente com o apoio histórico dos Estados Unidos, como apontou Tautz (2025, s/p):

> Há 50 anos, uma guerra psicológica ousada foi colocada em prática – e seus efeitos operam até hoje. Para tentar combater o avanço do comunismo, os EUA enviaram ao Brasil milhares de missionários de religiões e seitas evangélicas e católicas, judeus conservadores e até membros de empresas privadas com um objetivo: popularizar versões reacionárias da fé cristã e, assim, conquistar corações e mentes.

A força do capital e a força cultural empreenderam um caminho de dominação social, tal dominação tinha um objetivo, como continua Tautz (2025, s/p):

> O objetivo era implantar e defender governos subservientes e capitalistas – vários deles, como o brasileiro, eram ditaduras militares – que se opusessem ao comunismo e se alinhassem à economia de mercado que os EUA tentavam expandir para todo o planeta.

A força dos E.U.A quanto a influência geopolítica pela religião foi mudando de contornos e objetivos durante a história, todavia sempre voltada para seus interesses; assim, como apontou Abdalla (2019, p. 16):

> A partir da década de 90, iniciada dois anos após a redação do Documento de Santa Fé II, vimos crescer no Brasil o neopentecostalismo de origem estadunidense, tanto por meio da multiplicação e fortalecimento de igrejas evangélicas, quanto pelo crescimento de movimentos espiritualistas da Igreja Católica. Todos receberam aportes financeiros e midiáticos para seu crescimento e divulgação. Nessa época, tomaram força, além das igrejas evangélicas neopentecostais, a Renovação Carismática Católica, a Canção Nova e outros movimentos espiritualistas católicos, com amplo apoio da mídia corporativa – que fez, inclusive, os "padres cantores" adquirirem status de celebridades pop. Hoje, lidamos com o crescimento vertiginoso do fundamentalismo cristão evangélico nas periferias e com movimentos cismáticos de oposição ao papa Francisco dentro da Igreja Católica por seu pontificado mais aberto a um cristianismo libertador. O crescimento do fundamentalismo religioso e o apoio dos neopentecostais (evangélicos e católicos) à extrema direita e às ideias ultraliberais não podem ser interpretados apenas sob a luz de fatores sociopsicológicos: foram também resultados de uma ação planejada.

Desta forma, a força geopolítica dos Estados Unidos tem repercutido também diretamente na organização política brasileira com a ampliação da bancada evangélica nas últimas décadas, bancada de parlamentares que buscam os interesses de seus grupos e repercutem diretamente o sentido da influência dos Estados Unidos. Assim, buscamos compreender esse processo objetivando sinalizar que a religião no Brasil não é apenas um fenômeno interno. Ela articula o país a redes transnacionais, a modelos de comunicação e a disputas ideológicas globais e sobretudo pautam pontos que não são historicamente temas da religiosidade brasileira, mas a partir dessa dominação

cultural e social passam a configurar como tema centra e obrigatório, dentre tais temas destacamos as discussões sobre família, moralidade pública e a liberdade religiosa.

Desta forma, a presença de bancadas parlamentares de orientação religiosa e a atuação de lideranças em debates públicos demonstram que o poder religioso se traduz em capacidade de influenciar decisões diretas do Estado brasileiro. Logo, a força dos Estados Unidos aparece diretamente no sentido da própria definição de país e território, visto que mesmo busca consolidar uma forma de Estado brasileiro que beneficie os interesses do imperialismo do norte. Por isso essas questões são fundamentais para entendermos o Brasil, pois lidamos com manipulação cultural pela força do imperialismo. Assim, segundo Tautz (2025, s/p):

> Ao longo da década de 1980, explica Sá Netto, a Igreja se envolveu na política brasileira: financiou 60 candidatos à Constituinte de 1986, de legendas conservadoras, além dos candidatos a prefeito em São Paulo, Jânio Quadros e Paulo Maluf. Hoje, a igreja foi rebatizada como Federação da Família para a Paz Mundial e Unificação.
> Para o pesquisador, os filhos daquela política imperialista dos EUA ainda estão muito ativos no Brasil. Um exemplo é o 8 de Janeiro, que tem fortes indícios da participação de algumas igrejas na organização do movimento golpista.
> Segundo a Polícia Federal, alguns dos golpistas presos durante a invasão e depredação alegaram terem sido recrutados e/ou financiados por organizações como a Igreja Batista, a Presbiteriana Renovada e a Assembleia de Deus.

Essa articulação entre fé, território, política, políticos e Estado nos faz compreender, a partir de Sá Netto (2025), que a expansão evangélica é muito mais do que apenas um fenômeno individual ou cultural, pois é fundamental compreendermos sua força geopolítico, ou seja, considerando sempre suas implicações para a política interna e a externa do Brasil, bem como suas consequências para a soberania cultural e para a configuração do espaço público brasileiro. Desta forma, entendemos a urgência em incorporarmos a religião como variável central na análise das relações entre poder, espaço, Estado, território, economia e tecnologia no Brasil contemporâneo, tudo isso direcionado para o poder dos Estados Unidos e sua violência "camuflada" na forma de "amor" religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos, de forma introdutória, que a geopolítica da religião constitui campo analítico necessário para compreender as relações entre fé, poder e influência internacional.

Desta forma, trouxemos a geopolítica a partir da religião, ou seja, como vetor de projeção de poder por meio da circulação de lideranças, produção simbólica, articulação política, mídia religiosa e diplomacia religiosa, tudo isso organizado pelo imperialismo dos Estados Unidos.

Desta forma, precisamos entender o poder da religião pela força do imperialismo dos Estados Unidos, pois a história do pentecostalismo e do neopentecostalismo evidencia a influência dos Estados Unidos pelo campo religioso desde a chegada dos primeiros grupos até a consolidação de denominações de grande alcance social, midiático e político. Temos, portanto, que pensar o Brasil por meio dessa visão crítica na qual os Estados Unidos influenciam diretamente, por meio da bancada evangélica, os ditames de temas e questões para serem pautadas no Estado brasileiro, mas também pastores se aproveitam dessa rede de poder, de dinheiro e de mídia para se destacarem como líderes nacionais e com isso terem mais poder.

Entendemos que compreender o Brasil nos exige considerar a dimensão religiosa de forma contínua desde os processos históricos até as eleições de 2026, ou seja, considerar como componente estrutural das demandas nacionais e como recorte geopolítico na influência dos Estados Unidos no território nacional; assim, compreendemos que a geopolítica da religião tem um amplo caminho epistemológico para pensar o Brasil, pois tal caminho nos oferece instrumentos conceituais para a leitura e para as pesquisas futuras sobre a relação entre religião, Estado e imperialismo.

REFERENCIAS

ABDALLA, M. Em busca da funda de Davi. Rede de assessores do CEFEP, 2019. Disponível em: https://cefep.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Em-busca-da-funda-de-Davi_Mauricio-Abdalla.pdf

ANDERSON, Allan. An introduction to Pentecostalism. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FERNANDES, José Pedro Teixeira. A Geopolítica Clássica Revisitada. Nação& Defesa 105, 2003, p. 222-244. Disponível em: https://realpolitikmag.org/index.php/2015/06/06/a-geopolitica-classica-revisitada/

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

Gramsci, Antonio, Cadernos do cárcere : caderno 4 (XIII) : 1930 - 1932 : notas sobre filosofia : miscelânea : o canto décimo do inferno. Rio de Janeiro : IGS-Brasil, 2024

MACHADO, M. DAS D. C. Cecília Mariz e a Sociologia do Pentecostalismo. Religião & Sociedade, v. 44, n. 1, p. e440101, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rs/a/WxvXqQyZhWqLDs7QvkNksbq/?lang=pt

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

NYE, Joseph S. Soft power: the means to success in world politics. New York: PublicAffairs, 2004.

SÁ NETTO, Rodrigo de. O partido da fé capitalista: organizações religiosas e o imperialismo norte-americano na segunda metade do século XX. Rio de Janeiro: Da Vinci Livros, 2025.

TAUTZ, C. Fé capitalista: Como os EUA usaram a religião para combater o comunismo no Brasil. Intercept, 2025. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2025/04/07/como-os-eua-usaram-a-religiao-para-combater-o-comunismo-no-brasil/

THOMAS, Scott M. The global resurgence of religion and the transformation of international relations: the struggle for the soul of the twenty-first century. New York: Palgrave Macmillan, 2005.